

Pois amém vos digo: até que passem o céu e a terra, não passará um iota ou traço da Lei, até que tudo se realize.

Mateus
5:18

Na presença do Cristo[#]

A ciência dos homens vem liquidando todos os problemas alusivos ao reconforto da humanidade.

Observou a escravidão do homem pelo próprio homem e dignificou o trabalho, através de leis compassivas e justas.

Reconheceu o martírio social da mulher que as civilizações mantinham em multimilenário regime de cativo e conferiu-lhe acesso às universidades e profissões.

Inventariou os desastres morais do analfabetismo e criou a grande imprensa.

Viu que a criatura humana tombava prematuramente na morte, esmagada

em atividade excessiva pela própria sustentação, e deu-lhe a força motriz.

Examinou o insulamento dos cegos e administrou-lhes instrução adequada.

Catalogou os delinquentes por enfermos mentais e, tanto quanto possível, transformou as prisões em penitenciárias-escolas.

Comoveu-se, diante das moléstias contagiosas, e fabricou a vacina.

Emocionou-se, perante os feridos e doentes desesperados, e inventou a anestesia.

Anotou os prejuízos da solidão e construiu máquinas poderosas que interligassem os continentes.

Analizou o desentendimento sistemático que oprimia as nações e ofereceu-lhes o correio e o telégrafo, o rádio e a televisão que as aproximam na direção de um mundo só.

Entretanto, os vencidos da angústia aglomeram-se na Terra de hoje como

enxameavam na Terra de ontem...

Articulam-se em todas as formas e despontam de todas as direções.

Perderam o emprego que lhes garantia a estabilidade familiar e desorientam-se, abatidos, à procura de pão.

Foram despejados do teto, hipotecado à solução de constringentes necessidades, e vagueiam sem rumo.

Encontram-se despojados de esperança, pela deserção dos afetos mais caros, e abeiram-se do suicídio.

Caíram em perigosos conflitos da consciência e aguardam leve sorriso que os reconforte.

Envelheceram, sacrificados pelas exigências de filhos queridos que lhes renegaram a convivência nos dias da provação, e amargam doloroso abandono.

Adoeceram gravemente e viram-se transferidos da equipe doméstica para os azares da mendicância.

Transviaram-se no pretérito e

renasceram, trazendo no próprio corpo os sinais aflitivos das culpas que resgatam, pedindo cooperação.

Despediram-se dos que mais amavam no frio portal do túmulo e carregam os últimos sonhos da existência cadaverizados no esquite do próprio peito.

Abraçaram tarefas de bondade e ternura e são mulheres supliciadas de fadiga e de pranto, conduzindo os filhinhos que alimentam à custa das próprias lágrimas.

Gemem, discretos, e surgem na forma de crianças desprezadas, à maneira de flores que a ventania quebrou, desapiedada, no instante do amanhecer.

Para eles, os que tombaram no sofrimento moral, a ciência dos homens não dispõe de recursos. É por isso que Jesus, ao reuni-los em multidão, no tope do monte, desfraldou a bandeira da caridade, e, proclamando as bem-aventuranças eternas, no-los entregou por filhos do coração...

Companheiro da Terra, quando estendas uma palavra consoladora ou um abraço

fraterno, uma gota de bálsamo ou uma concha de sopa, aliviando os que choram, estás, diante deles, na presença do Cristo, com quem aprendemos que o único remédio capaz de curar as angústias da vida nasce do amor, que se derrama, sublime, da ciência de Deus.

(Reformador, jan. 1963, p. 21)

⁴¹ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Livro da esperança*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 2, com pequenas alterações.